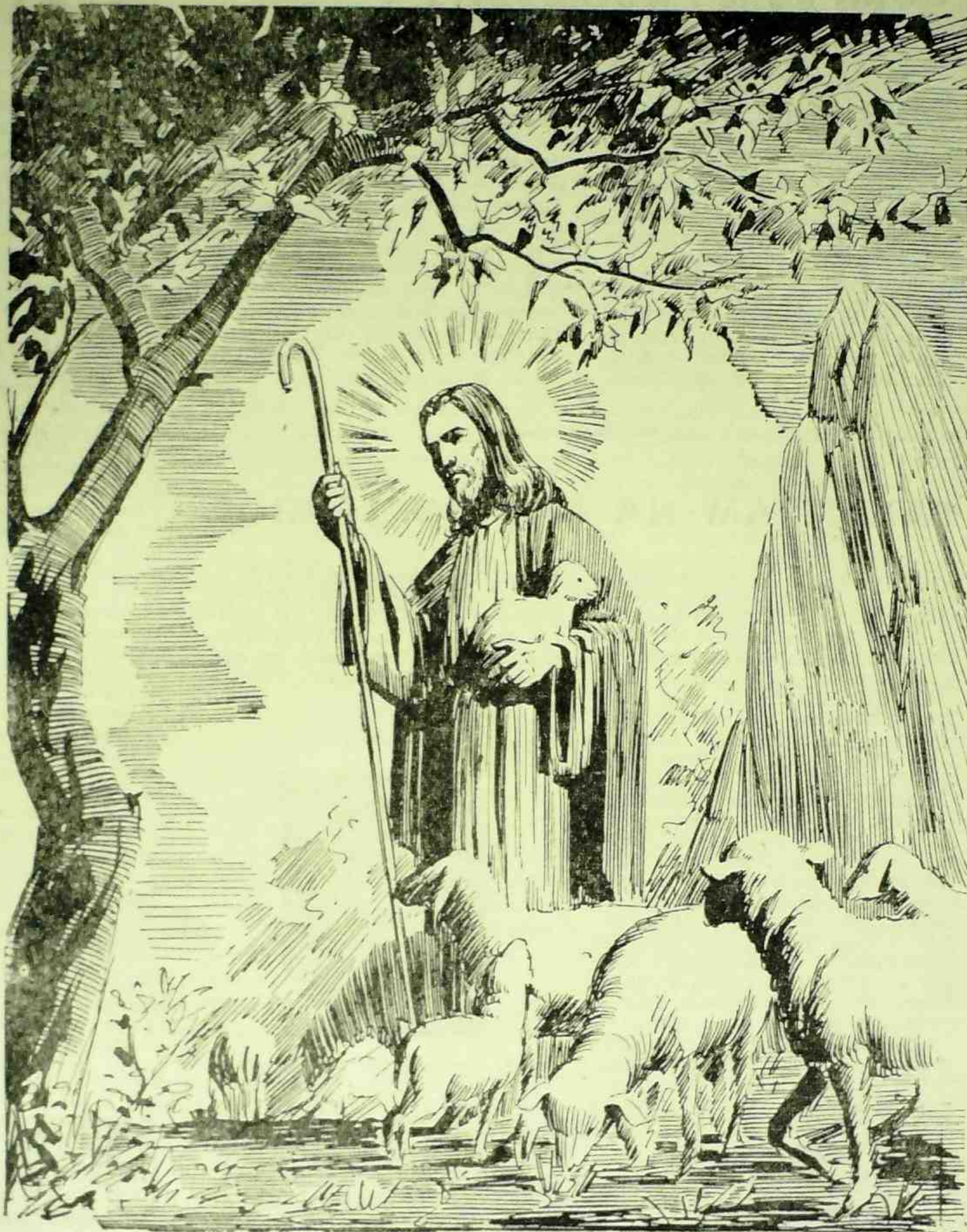


Jesus,
Bom Pastor,
conduz
tuas
ovelhas
ao
prisco
da
Santa Igreja.



Ave Maria

ANO LXV
São Paulo,
12-4-1964
NÚMERO 6

A Nossa Senhora, Maria Fieno, de São Paulo — A Santa Luzia, Ester Venâncio Duarte, de Campina Verde — A Santa Edviges, Eurídice Ferreira, de Itararé — Ao Coração de Jesus, Geralda Rocha, de Itararé — A São Judas Tadeu, Edith Tankoski, de Canoas — A Frei Galvão, Tarazo Lemos, de Pratápolis — Ao Santo Padre Pio XII, Maria Aparecida Sales Vanni, de São Paulo — Ao Coração de Maria, Nechyse Licciardi — A N. Sra. Aparecida e ao Pe. Dehon,

Josefina Lavastano, de Piracicaba — A Nossa Senhora, Gertrudes Fonseca, de Santa Cruz do Rio Pardo — A São Camilo, Maria Aparecida Castilho Coelho, de Mogi-Guaçu — A Nossa Senhora e a São Camilo, Olga Fracaroli, de Itapira — A N. Sra. de Lourdes, Celina R. Leal, de Itatiba — Ao Servo de Deus Gaspar Bertoni, Benedita de Godoy, de Itatiba — Ao Coração de Maria, Eunice Lanhoso Matos, de Itatiba.



FALECERAM NA PAZ DO SENHOR

Em ASSIS: D. Maria Luisa Cintra, d. Hilda Castilho Avelar Garcia, d. Senhorinha de Sousa e d. Alzira de Sousa Modotti. Em ECHAPORÁ: Sr. Odilon Fenólio e d. Aparecida Vilas Boas. Em CANDIDO MOTA: Sr. José Augusto Carvalho. Em PALMITAL: Sr. Júlio Martins. Em SALTO GRANDE: D. Manuela Papa. Em SANTA CRUZ DO RIO PARDO: Sr. Adolfo Totti, sr. José Cândido Ferreira, sr. Salomão Salgueiro, d. Maria Alves Toledo e d. Amália da Silveira Bertoncini. Em OSVALDO CRUZ: Sr. Odilon de Oliveira Ramos e d. Maria Molina Muller. Em FLÓRIDA PAULISTA: D. Cesa Gini. Em JUNQUEIRÓPOLIS: D. Lídia Araújo. Em SANTO ANASTÁCIO: Sr. Antônio Polon. Em PRESIDENTE WENCESLAU: Sr. Lívio José. Em ALVARES MACHADO: Sr. Antônio Pichioni e d. Alice Tarocco Bordin.

Josino di Antônio. Em RANCHARIA: D. Maria Ramalho. Em PARAGUAÇU PAULISTA: Sr. Antônio Camolesi. Em ITAPETININGA: D. Irene Gemignani, sr. Antônio Gomes, d. Benedita Vieira e

ITAPETININGA



Sr. Antônio Gomes Heleno

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO



D. Maria Tramperine Rodaelli

Em PRESIDENTE PRUDENTE: Sr. Mário Simões de Sousa e sr. João Medeiros Pimentel. Em MARTINÓPOLIS: D. Francisca Maria de Jesus, d. Angelina Tudisco, Sr. Alexandre Tudisco e sr.

d. Alice Ribeiro de Sousa. Em ITAPEVA: Sr. Antônio Celso Cândido Netto. Em TATUI: D. Zulmira Rocha e sr. Benedito Aevlino Cleto. Em GUARATINGUETA: D. Rafaelina Arantes Meira. Em CAMBUCI: Sr. Joaquim Terra. Em AGUAÍ: D. Maria Braga Ferrão. Em CASA BRANCA: Sr. João Rodrigues de Oliveira. Em VARGEM GRANDE: D. Alcina Figueredo Andrade. Em UBERABA: D. Edna Resende dos Santos. Em SÃO JOÃO DA BOA VISTA: D. Palmira Silva. Em SÃO CARLOS: Sr. José Geraldo Keppi. Em SÃO PAULO: D. Branca Sales Guerra Costa e d. Etelvina de Camargo. Em LINS: Sr. Jonas Carlos Arantes. Em SÃO JOSÉ DO RIO PARDO: D. Dinela Bianchini Martini. Em RIBEIRÃO PRÉTO: D. Maria de Abreu Vendramini. Em SANTOS: Sr. Tabajara dos Santos.

O Irmão Propagadista da "AVE MARIA" está visitando as cidades de: Além Paraíba, Porto Novo, Volta Grande, Estrela D'Alva, Santana de Piratininga, Pádua, Miracema, Palma, Recreio, Leopoldina, Cataguases, Pomba, Mercês e Santos Dumont.

NADA DE NOVO

Lê-se na comédia "Ecclesiazusae" de Aristófanes, escritor ateniense, que viveu 400 anos antes de Cristo.

Assim falava Praxágoras, uma das personagens de Aristófanes, autêntica "comunista":

Quero que todos tenham parte em todos os bens e que a propriedade seja tôda em comum. De hoje em diante cessará a distinção entre ricos e pobres. Não mais sucederá que alguém possua vastas extensões de terrenos cultiváveis, enquanto outro careça até do suficiente para sua sepultura. Quero que exista uma única classe de vida para todos. De início farei que as terras, o dinheiro e tudo o mais, que seja propriedade particular, se converta em domínio comum.

— E o trabalho, quem o fará? pergunta Blepiro, outro dos personagens.

— Naturalmente que os escravos, responde Praxágoras.

TRABALHO DE TODOS

"As vocações e os sacerdotes não são frutos de improvisações. Mister se faz que todos, padres e leigos, trabalhem pelas vocações". (João XXIII).



ANO LXV ★ NÚMERO 6
São Paulo, 12 de Abril de 1964

— PADRES CLARETIANOS —
Diretor:
Pe. José de Matos, C.M.F.
ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 500,00
Número avulso . Cr\$ 20,00
RED. E ADMINISTRAÇÃO
R. Jaguaribe, 761 - Caixa 615
OFICINAS:
R. Martim Francisco, 646-656
Telefone 52-1956 - São Paulo

A mais difícil bem-aventurança

(Especial para a "AVE MARIA")

Bem-aventurados sereis quando vos amaldiçoarem e perseguirem, e de vós disserem todo o mal, e vos caluniarem, por minha causa. Alegrai-vos, então e exultai, porque grande será vossa recompensa nos céus...

Da primeira vez que lemos, com consciência e profundidade, esta bem-aventurança, por certo estremeceu o nosso coração. E nos pareceu muito alta, demais talvez, esta beatitude cristã, assim diversa do conceito habitual de felicidade, que nos perturbou a alma e ensombrou o desejo de ventura imediata e fácil...

* * *

Não obstante, a palavra do Senhor não mente jamais. E acorreram à nossa memória os grandes profetas antigos, Isaías e Jeremias, perseguidos e martirizados. E João Batista, decapitado no banquete. E os Apóstolos, aprisionados, fustigados, apedrejados, crucificados. E os Mártires, ensanguentando todos os caminhos da Igreja, batizando tôdas as prisões, santificando todos os tribunais, suportando os tormentos e as feras, os grilhões e as arenas, os despedaçamentos e as fogueiras, as torturas prolongadas com refinamento e a brutalidade dos fuzilamentos em massa.

Felizes. Felizes sempre. Na alma, no interior. No exterior igualmente, e nas palavras. Revestindo a mesma veste de Jesus Cristo, a púrpura do próprio sangue, imitadores perfeitos do Grande Mártir, Ele também bem-aventurado porque realizava de todo o desejo do Pai, "consumatum est", tudo está cumprido!

As expressões inauditas com que significavam sua ventura, na perseguição, na calúnia, nos maus tratos, na prisão e na grelha, num sublime desafio a seus algozes, eram bem a realidade maravilhosa da Bem-aventurança difícil. Eles se alegravam exultantes, porque já estavam recebendo, ainda nos tormentos, aquela felicidade com que o Senhor os inebriava no Paraíso...

* * *

Ora, o Evangelho é para todos nós. Na pequena proporção de nossas pobres fôrças, a Bem-aventurança difícil foi traçada como uma cruz de bênção também sobre os nossos caminhos.

Na família, no trabalho, na escolha da vocação, na coragem do apostolado, na presença cristã, na afirmação da verdade que dói, na renúncia a popularidades criminosas, na eleição de soluções que obedecem à Lei de Deus mas contrariam a situações de pecado, em inúmeras oportunidades ensejadas pela Providência ou pela imposição do dever quotidiano, — a Bem-aventurança difícil está erguida, como cruz e como bênção, à nossa frente.

Quando a fugimos, covardemente, pensando tutelar nosso bem estar, nosso nome, nossa tranquilidade, para logo a consciência levanta dentro em nossa alma uma voz de reprimenda que nos torna inquietos e infelizes.

Quando lhe obedecemos, corajosamente, anelando seguir em tôda a dimensão heróica, a palavra do Senhor, então, como todos os que fizeram antes de nós, experimentamos a ventura da obrigação realizada, que abre uma flor de alegria profunda dentro em nosso coração...

* * *

Ela foi, outrossim, a bem-aventurança de Maria.

Que teriam os seus contemporâneos entendido, do recolhimento virginal daquela Eleita do céu? De sua resolução de intocada virgindade, desapêgo e pobreza, escondimento e trabalho? E quando seu Filho foi perseguido e arrastado aos tribunais, à Via Sacra e à Cruz, não revestiu Nossa Senhora tôda a ignomínia daquela Paixão e Morte de Jesus?

* * *

Não temamos, pois, embora nossa natureza entremeça com horror. A Graça de Deus e a proteção de Maria nos ensinarão a ler e meditar, a desejar a realizar, com amor e certeza do prêmio, a mais difícil Bem-aventurança.

ESCREVEU

† Antônio Maria Alves de Siqueira
Arc. Coadj.

† Antônio Maria Alves de Siqueira, Arc. Coadj.

NOVA IORQUE (NC) — Os visitantes do Pavilhão do Vaticano na Feira Mundial de Nova Iorque poderão inteirar-se grãficamente de um dos maiores mistérios de nossa fé, o de que a Igreja é Cristo vivo no mundo. É esse o tema da bela exposição já quase instalada em Flushing Meadow, local da Feira, ocupando uma área de 6.120 jardas quadradas.

São diretores do comitê executivo o cardeal Francis Spellman, Arcebispo de Nova Iorque, e o bispo de Brooklyn, Mons. Bryan J. McEntegart. A estréia poderá dar-se a 19 de abril, três dias antes da inauguração da Feira. "Calculamos uma média de 6 a 8 mil pessoas por hora, entrando no Pavilhão, enquanto estiver aberta a exposição", diz o P. Raymond Leonard.

Muitos visitantes virão para ver as riquezas

dação da vida de Cristo — desde as profecias até a Crucifixão — mediante técnica áudio-visuais e arte moderna e tradicional.

Quatro rampas, três móveis e uma fixa, levarão os visitantes da galeria da entrada até mais além da Pietà, cujo local de exibição foi idealizado pelo notável cenógrafo Jo Mielziner. As rampas móveis operarão a várias velocidades, dependendo do número de visitantes. Os que tomarem a mais próxima da Pietà passarão a uns 5 metros do grupo escultórico, mas mesmo da rampa mais distante poderá êle ser divisado sem nenhuma obstrução. A rampa fixa destina-se aos que desejarem extasiar-se por mais tempo diante da obra prima de Miguel Ângelo.

Chega-se depois à exposição pròpriamente dita, de 3.000 jardas quadradas, com uma parede de

Visão antecipada do Pavilhão Vaticano na Feira de Nova Iorque

Por GEORGE GRENT

artísticas — como a Pietà de Miguel Ângelo, a peça central — mas poderão ao mesmo tempo instruir-se no significado da Igreja para os católicos.

O tema central da Igreja será apresentado em três seções: Cristo caridade. Cristo magistério e Cristo santificador. Dirigiram a realização temática Norman La Liberté, artista fotógrafo da Escola de Desenho de Rhode Island, e Robert Nickle, desenhista e professor da Universidade de Illinois. O conjunto da planificação arquitetônica é obra das firmas Kiff, Coleand Voos, Sourder, Hurley e Hughes e Luders Associates.

A forma oval-espiral do edifício corresponde a dois fatôres: a configuração elítica da área e a necessidade de facilitar o trânsito. Construído sôbre pilotis de concreto, o pavilhão, de estrutura de aço, também tem piso de concreto. É revestido de estuque branco combinado com mármore.

Coroado por uma redoma e uma cruz dourada de alumínio, o edifício alcança 33 metros de altura, por 70 de comprimento e 45 de largura. O custo total é calculado em 3.800.000 dólares. A cifra é pequena em comparação com os 50 milhões da General Motors e os 40 milhões do da Ford.

É muito menor que o da Civitas Dei da Feira de Bruxelas (1958) onde havia duas grandes áreas destinadas a restaurantes; o atual não terá nenhum.

A parte externa do prédio terá 10 baixos relevos representando em estilo moderno a Igreja, o Credo, os Mandamentos e a Liturgia. Obras dos artistas Jonynas e Shepherd.

Após transpor 30 metros de pátio, o visitante chega a uma galeria que "canaliza" as pessoas em quatro linhas conforme caminham para ver a Pietà. Como preparação para êsse importante momento artístico e religioso, a galeria apresenta uma recor-

crystal de 10 metros de altura, permitindo ver de fora claramente o interior.

Essa zona representa a Igreja Universal como realizadora de sua missão no mundo contemporâneo. Um filme de seis minutos e meio mostrará o trabalho beneficente que ela realiza e sua missão social no mundo. Haverá também uma "passagem erudita", ou seção informativa, para os visitantes que procurarem um conhecimento mais amplo.

A missão santificadora da Igreja será apresentada mediante uma técnica denominada "jornal vivo", para ilustrar sôbre a vida católica sacramental e orante. Em projeção a côres aparecerão as pinturas de Miguel Ângelo na Capela Sixtina do Vaticano, sôbre a história bíblica do Gênesis.

Num lugar destacado da parte dedicada ao magistério da Igreja poderão ver os visitantes uma réplica, em escala natural, do túmulo de São Pedro e suas imediações. Essa réplica foi feita nas oficinas do Vaticano sob a direção de arqueólogos ligados às excavações. O túmulo original não está aberto ao público.

Sôbre o lugar de exposição acha-se uma capela circular, com 350 lugares. Pode ser convertida em sala para reuniões, conferências e outros atos. Tem 30 metros de diâmetro e eleva-se a 16 acima de um piso de sobreloja até uma redoma com tampa dourada e circundada de vitrais, obra de Jean Jacques Duval. É um trabalho em estilo abstrato e que sugere a obra da Criação.

Em local de destaque da capela ficará a imagem do Bom Pastor, escultura do tempo das catacumbas.

Além de reuniões de comunhão e conferências, realizar-se-ão no Pavilhão da Santa Sé dias especiais, fins de semana e até semanas inteiras destinadas a várias organizações e grupos católicos.

Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia

LEITURA BÍBLICA E CATEQUESE LITÚRGICA

35. Para que se veja claramente a conexão na Liturgia entre as cerimônias e as palavras:

1) Nas celebrações litúrgicas restaure-se a leitura da Sagrada Escritura mais abundante, variada e adaptada.

2) Anote-se igualmente nas rúbricas, conforme a cerimônia o permita, um lugar mais apto para o sermão, como parte da ação litúrgica. E este ministério da pregação seja cumprido com muita fidelidade e exatidão. Deve a pregação, em primeiro lugar, haurir seus temas da Sagrada Escritura e da Liturgia, como o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação ou no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera, sobretudo, nas celebrações litúrgicas.

3) Seja também inculcada, por todos os modos, a catequese litúrgica direta; e sejam previstos nas próprias cerimônias, se necessários, breves esclarecimentos, feitos pelo sacerdote ou ministro competente, em momentos mais oportunos, com palavras prescritas ou outras semelhantes.

4) Seja incentivada a celebração sagrada da Palavra de Deus nas vigílias das festas mais solenes, em algumas férias do Advento e da Quaresma, como também nos domingos e dias santos, principalmente naqueles lugares onde falta o padre. Seja então o diácono ou outra pessoa designada pelo Bispo quem dirija a celebração.

LÍNGUA LITÚRGICA

36. § 1. Salvo o direito particular, conserve-se o uso da língua latina nos ritos latinos.

§ 2. Entretanto, visto que na Missa, na administração dos Sacramentos e nas outras partes da Liturgia, o uso da língua vernácula pode ser com frequência de grande proveito para o povo, dê-se-lhe um lugar mais amplo, sobretudo nas leituras e admoestações, em algumas orações e cânticos, de conformidade com as normas, que sobre esta matéria, serão pormenorizadamente estabelecidas nos capítulos que seguem.

33. Observadas estas regras, compete à autoridade eclesiástica regional, mencionada no artigo 22, § 2, e conforme o caso, consultada a opinião dos Bispos das regiões vizinhas da mesma língua, determinar as leis sobre o uso e o modo da língua vernácula. Estas decisões sejam aprovadas ou confirmadas pela Santa Sé.

§ 4. A tradução do texto latino para o vernáculo, a ser empregado na Liturgia, deve ser aprovada pela competente autoridade eclesiástica regional acima referida.

D) Normas atinentes às adaptações litúrgicas.

ADAPTAÇÃO AOS COSTUMES DOS POVOS

37. Não deseja a Igreja impor, na Liturgia, uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem comum geral. Pelo contrário, cultiva e desenvolve as conquistas e os dotes de espírito dos diferentes povos e nações. Considera com benevolência tudo quanto, nas tradições dos povos não esteja indissolúvelmente ligado a superstições e erros e, se pode, o conserva íntato. Por vezes, até o admite em sua Liturgia, conquanto harmonize com os princípios do verdadeiro e autêntico espírito litúrgico.

PRINCIPALMENTE NAS MISSÕES

38. Salva a unidade substancial do rito romano, ao se reverem os livros litúrgicos, haja lugar para legítimas diferenças e adaptações nos vários grupos, regiões e povos, principalmente nas Missões. Considere-se oportunamente este princípio na estruturação dos ritos e na confecção das rúbricas.

COMPETÊNCIA DA AUTORIDADE TERRITORIAL ECLESIÁSTICA

39. Dentro dos limites fixados nas edições oficiais dos livros litúrgicos, cabe à competente autoridade territorial eclesiástica, de que trata o art. 22 § 2, definir as adaptações, em particular no que se refere à administração dos Sacramentos, Sacramentais, procissões, língua litúrgica, música sacra e artes, de acordo, porém, com as normas fundamentais contidas nesta Constituição.

PARA MAIORES ADAPTAÇÕES

40. Porém como em diversos lugares e circunstâncias urge uma adaptação mais profunda da Liturgia, o que não deixa de ser mais difícil:

1) A competente autoridade territorial eclesiástica, de que fala o art. 22, § 2, considere com atenção e prudência, o que, sobre o particular, se pode oportunamente admitir no culto divino, proveniente das tradições e índole de cada povo. As adaptações que pareçam úteis ou necessárias sejam propostas à Santa Sé para serem introduzidas com seu assentimento.

2) Para que, entretanto, a adaptação se faça com a necessária prudência, à mesma autoridade territorial eclesiástica será dada, se necessária, naqueles grupos, aptos para tanto, e por tempo determinado, a faculdade de permitir e orientar as necessárias experiências prévias.

IV. DO INCREMENTO DA VIDA LITÚRGICA NA DIOCESE E NA PARÓQUIA.

NO ÂMBITO DIOCESANO

41. O Bispo deve ser considerado como o grande sacerdote de sua grei, do qual, de algum modo deriva e depende a vida de seus fiéis em Cristo.

Daí a necessidade de que todos os diocesanos dêem a máxima importância à vida litúrgica, junto ao Bispo, particularmente na catedral. Persuadidos de ter ali a principal manifestação da Igreja na plena e ativa participação de todo o povo santo de Deus, nas mesmas celebrações litúrgicas, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, ao redor de um só altar, presidido pelo Bispo, cercado de seus presbíteros e ministros.

NO ÂMBITO PAROQUIAL

42. Visto que o Bispo em sua Igreja nem sempre, nem em toda parte pode presidir pessoalmente a todo o rebanho, deve por força organizar grupos de fiéis, entre os quais sobressaem as paróquias, confiadas a um pastor local, que as governe, fazendo às vezes do Bispo. Com efeito, de certo modo representam a Igreja visível espalhada por toda a terra.

Por isso, a vida litúrgica da paróquia, e sua relação com o Bispo, deve ser fomentada na mente e na praxe dos fiéis e clero. Procure-se que floresça o senso de comunidade paroquial, sobretudo na celebração comunitária da missa dominical.

Cristianismo

Temos dito e repetido um milhão de vezes que nossa luta contra o comunismo, absolutamente e em hipótese nenhuma, significa convivência com as injustiças sociais que ainda há por tôda parte. Podemos mesmo dizer, e o fazemos sem medo de ninguém, que o maior obstáculo que encontramos no combate ao materialismo comunista é justamente o materialismo capitalista.

Gente cega, surda e muda, parada no tempo, insensível, alheia ao que se passa, iludida de que ainda pode viver em paz, quando a guerra já começou há muito tempo.

Gente que teima em dormir ou dançar, com suas fantasias de milhões, sôbre a cratera de um vulcão que vai estourar a qualquer momento.

Gente que pretende resolver a questão social, cada dia mais aguda, jogando à fome de seus irmãozinhos nus as migalhas de suas mesas, onde se enchancam de uisques, com suas numerosas e sempre variadas mulheres.

Gente que nunca respeitou as Leis da Santa Igreja e agora pensa que ela combate o comunismo para que eles mesmos possam continuar nas suas orgias, nas ambições desmedidas, nos seus roubos sistematizados.

Não. Não estamos a sôlido dessa gente. Mas também não lhes fazemos apêlo nenhum porque nem as ponderações do bom senso, nem mesmo as ameaças da hora presente, atravessam suas peles de paquidermes.

Vale a sentença de profundo desprezo de Dante Alighieri: "Não ti curar di loro, mas guarda e passa... Não te preocupes com eles. Olha e passa". Eles, de fato, não merecem a nossa preocupação e, afinal, quem morre por gôsto, tem o inferno para regalo.

E passem muito bem.

Nossa luta contra o comunismo não é, pois, em defesa de tudo isso que está aí, mas daquilo que ainda sobra do Cristianismo.

Conhecemos todos os males da sociedade atual, muitos e enormes, e nossa luta é justamente para que não se lhes dê um remédio pior do que a doença.

Pensar em pôr fim aos males atuais substituindo-os pelo comunismo, é pretender apagar a fogueira com gasolina.

Não. Sabemos muitíssimo bem onde estamos e o que dizemos.

O Cristianismo que pregamos é Cristianismo só, sem adjetivos.

Sem esquerda, nem direita. Ele é muito grande para caber de um lado só.

Envolve tôdas as verdades que estão de todos os lados e dispensa os erros de cada lado,

Dispensa e condena e verbera e fustiga.

Dai, desprezem-nos muitos ricos, quando lhes dizemos que o Cristianismo de Cristo condena a ambição e o desperdício; desprezem-nos certos pobres,

sem adjetivos

quando lhes dizemos que o Cristianismo de Cristo condena a revolta e o desespero; desprezem-nos os gozadores da vida, quando lhes dizemos que o Cristianismo de Cristo é pureza e renúncia.

Pois que continuem desprezando-nos e ao Cristianismo de Cristo. E continuem arranjando outros cristianismos que, justamente por não serem o de Cristo, são cúmplices ou responsáveis por essa carcomida pseudo-civilização cristã ocidental.

Cristo não tem absolutamente nada a ver com isso. Acredito mesmo que seu coração se confrange e se revolta ao ver os hipócritas de hoje, como os de seu tempo, pregando "reformas cristãs" na base do ódio e da pilhagem oficializada.

Diante, pois, dêsse quadro tristíssimo de uns tantos que defendem uma civilização cristã, para continuarem com seus vícios e de outros tantos que defendem reformas cristãs — menos a reforma da alma, a única pregada por Cristo — nós nos levantamos, sôzinhos e incompreendidos até por irmãos nossos, para pregar o Cristianismo simples e enxuto, que reforma as almas pela Graça e a Sociedade pelo Amor.

Que nos entendam ou não, que nos atendam ou não, já não é problema nosso.

Pe. João Botelho

Nôvo Bispo Auxiliar em São Paulo

O Santo Padre designou Mons. Romeu Alberti para Bispo Auxiliar de Sua Emcia. o Cardeal Mota.

Dom Alberti é natural de São Paulo, onde nasceu a 21 de abril de 1927. Ordenou-se sacerdote em Roma a 7 de outubro de 1951. Ali conseguiu a láurea doutoral em Direito Canônico.

Últimamente além de outros encargos Mons. Alberti era Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo.

Seu lema episcopal é: "Omnes unum sint — Que todos sejam um".

Cumprimentos e felicitações da "AVE MARIA" a Dom Romeu Alberti, com votos a Deus de um fecundo apostolado pela glória divina e bem das almas.

Você poderia ensinar o catecismo!

Em nosso século XX, os alunos da célebre Escola Politécnica de Paris consideram como um privilégio passar uma parte de cada domingo nos subúrbios da capital francesa, ensinando o catecismo aos meninos dos bairros.

Mais ainda: no mundo inteiro, centenas de milhares de adultos dedicam inúmeras horas de trabalho ao ensino livre, voluntário e gratuito das verdades da fé católica.

Todos eles estão convencidos não só da utilidade, mas ainda da necessidade do ensino religioso para humanizar, iluminar e salvar as famílias, as escolas, as cidades, as nações, e sobretudo as pessoas.

Você já pensou que poderia humanizar, iluminar, salvar? Você já pensou que poderia ensinar o catecismo, quer a um indivíduo quer a um grupo, quer a várias turmas?

Que alegria seria para você ajudar um grupo de pessoas humanas a perceberem que são objeto do amor pessoal, infinito, eterno e misericordioso das Três Pessoas Divinas!

Você deseja ser sempre mais feliz, e conhece a palavra de Jesus: **Há mais felicidade em dar do que em receber** (Atos dos Apóstolos, Cap. XX). Que felicidade seria para você dar a outrem a doutrina de Jesus, ajudar os homens, seus irmãos, os homenzinhos que são hoje os jovens, a conhecerem melhor a Jesus, origem e razão de ser de suas existências.

E se Jesus prometeu uma recompensa eterna a quem desse um copo de água a um de seus discípulos, que aumento imensamente maior de visão e de amor de Si mesmo, durante a eternidade, Ele outorgará àqueles que tiverem dado a um batizado o vinho inebriante da verdade revelada?

Se você, prezado leitor, é pai de família, nunca esqueça a máxima de Pio XII: **Os pais devem ser os primeiros catequistas dos filhos.**

Peça cada dia a seus filhos para que leiam, decorem e recitem um trecho de seu catecismo.

E porquê não?

Aproveite para manter uma conserva religiosa acêrca deste trecho com seus filhos. Você deve conduzir seus filhos a Deus.

Mesmo, se você puder, convide alguns dos jovens colegas de seus filhos a participarem desta conversa espiritual. Talvez os pais dêles estejam afastados da religião, e eles não tenham ninguém que lhes partilhe o pão da verdade...

Se você é um rapaz ou uma moça entre 12 e 18 anos, saiba que muitos de seus contemporâneos estão já participando do magistério de Cristo e de sua Igreja pelo ensino do catecismo. E se você é aluno ou aluna de um colégio católico, porque não alcançar um diploma, reconhecido pela autoridade diocesana, de catequista?

Diga-me por favor, de que maneira mais útil para sua própria salvação e para a salvação alheia você poderia ocupar os seus lazes dominicais? Será que você vai preferir um filme ou uma praia? Não acha que sairia mais satisfeito depois de ter dado uma aula de religião?

Sinto, prezado leitor, que está se convencendo... Está querendo ser como catequista, uma centelha de luz, um foco de amor, um fermento para toda a sociedade.

Então fale quanto antes com o seu Vigário ou Bispo, e inscreva-se num dos cursos de catequistas por correspondência.

Pe. Bernardo de Margerie, S.J.

A VENDEDORA DE FLÔRES

O Cardeal Pie, bispo de Poitiers, falando certa vez a um grupo de senhoras lhes referiu o caso seguinte:

"Conheci perfeitamente um menino pobre, nascido numa aldeiazinha perto de Chartres. Desejava muito ser padre, porém, seus pais careciam de recursos para custear-lhe os estudos.

Certo dia, o pequeno entrou na catedral de Poitiers durante as vésperas da festa da Epifania.

A vista dos esplendores litúrgicos invadiram-lhe a alma os mais belos, ternos e delicados sentimentos. Depressa sua comoção chegou ao auge e lágrimas ardentes rolaram por sua face rosada.

Assim o encontrou uma senhora que vendia flôres na praça fronteira e compadecida, dêle se aproximou, indagando:

— Parece-me que choras, meu filho?

— Sim, e de verdade, murmurou a criança.

— Alguém te bateu?

— As lágrimas e os soluços impediram-no de dar qualquer resposta.

— Mas, diga-me, por que choras? Vamos, conta-me tudo.

— Choro porque... porque...

E em tom de grande confiança lhe segredou com dificuldade:

— Quero ser padre, e não posso. Não conheço ninguém que me possa ajudar e meus pais são pobres demais.

— Oh! Não chores mais. Eu te ajudarei.

E a boa florista empenhou-se em cumprir a palavra dada. Quantas horas de noite não passou em claro, trabalhando, trabalhando sempre.

Conseguiu porém pagar os estudos de seu pequeno sacerdote.

Ela já morreu. Os anjos a levaram para a felicidade do céu.

Mas seu SACERDOTE vive ainda. Esforça-se por trabalhar quanto pode na salvação das almas.

Foi vigário, bispo, cardeal... Ele aqui está. Sou eu mesmo, sou eu que vos dirijo a palavra. Eu, o vosso Cardeal!"

Mil vezes ditoso quem possa dizer:

Eu formei um Missionário, ou pelo menos, ajudei no que pude na formação de um Apóstolo de Cristo.

XXXVIII Congresso Eucarístico Internacional



BOMBAIM PREPARA-SE PARA GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO DE FÉ

Os católicos indianos, e de modo especial os da arquidiocese de Bombaim trabalham com generoso empenho para o seu Congresso Eucarístico Internacional. Não querem que seja inferior a nenhum dos 37 que o precederam nos diferentes países.

Algumas cifras. O Estado de Marahastra, onde se localiza Bombaim tem 39.500.000 habitantes. Porém apenas 500.000 são católicos.

Entretanto esta minoria soube encontrar e conservar coragem de preparar um Congresso Eucarístico Internacional.

É verdade que goza de particular prestígio junto a comunidade não-católica, especialmente por suas escolas superiores, médias e primárias. Possui também um clero missionário diocesano relativamente numeroso e bem preparado e um notável grupo de religiosos.

Também o Governo Federal e do Estado prometeram ampla colaboração. Mesmo uma outra confissão religiosa prontificou-se em colaborar.

Pelo esforço que se impuseram os católicos indianos merecem eles ser ajudados por todos os católicos do mundo, especialmente pelos das nações que contam com mais possibilidades de recursos.

A Eucaristia e o novo homem. Ninguém se maravilhará que as exigências espiri-

tuais do homem da era atômica, e dos primeiros passos sobre a via dos astros, sejam diferentes, mesmo em coisas secundárias e acessórias, das exigências espirituais, não digo dos contemporâneos de Carlos Magno ou de Dante, mas também dos contemporâneos de Pio IX.

Circundar esta particular exigência do homem dos nossos tempos, em particular em relação à eucaristia, conhecê-la, interpretá-la, demonstrá-la no modo mais exauriente possível: eis o que quer conseguir o XXXVIII Congresso Eucarístico a realizar-se entre 28 de novembro e 6 de dezembro deste ano, em terras indianas.

Deseja-se saber que coisa a Eucaristia pode dizer e dar ao novo homem, para que ele viva e milite no reino de Deus.

Em relação com o Concílio. Neste seu trabalho o Congresso de Bombaim encontrará grande e singular subsídio no Concílio Ecumênico Vaticano II, que está se desenvolvendo. Nêle toda exigência espiritual do mundo de hoje encontra seu eco, nêle todas as aspirações dos homens vêm recolhidas, nêle toda a urgência de um mundo em vertiginoso trabalho moral e espiritual vem examinada com competência e com amor.

Algumas antecipações. O programa do Congresso vai se delineando de maneira sempre mais concreta.

Oração da Família

DOM MARCOS BARBOSA, OSB

*Bem debaixo, Senhor, da tua asa,
coloca a nossa casa.*

*Nossa mesa abençoa, e o leite e o linho,
guarda o nosso caminho.*

*Brote, em torno, o jardim frutos e flôres;
nossa boca, louvores.*

*Conserva pura a fonte de cristal,
longe o pecado e o mal.*

*Repele o incêndio, a peste, a inundação,
reine a paz e a união.*

*Bem haja na janela do azul do dia;
na parede, Maria.*

*Encontre a noite quieta, à luz acesa,
quente sopa na mesa.*

*Batam à porta o pobre e o viajor,
e tu mesmo, Senhor.*

*Tranquilo seja o sono sob a cruz,
que à outro sol conduz.*



É um programa que naturalmente se movimenta, e não pode ser de outro modo, sôbre o sulco das tradições dos passados congressos eucarísticos internacionais. Preocupa-se porém, em especial, em procurar coisas que são da atualidade, correspondentes às exigências particulares da Índia.

De manhã são previstos encontros de sessões e assembléia de estudos com reuniões de várias categorias intelectuais e sociais.

Após o meio dia serão realizadas obras práticas de caridade como visitas a orfanatos, hospitais, asilos, etc.

À tarde haverá as grandes reuniões gerais no "Oval Maidon", um vasto parque transformado em igreja, compreendendo a missa e administração ou comemoração dos sacramentos.

Ao anoitecer manifestações culturais, representações cênicas, concertos vocais e instrumentais. Não faltarão os característicos ballets indianos, de fundo religioso, e para os quais já estão severamente adestrados 300 pequenos dançarinos e 1.000 cantores.

Inauguração. Dentro em breve Bombaim, a cidade das sete ilhas, tornar-se-á em certo sentido o coração da Igreja Universal, não somente pela presença do Cardeal Legado, que será recebido e aclamado como um "outro eu" do Papa, Bispo de Roma, mas também porque ela, nos dias do Congresso, atrairá a atenção, a complacência, a oração, o augúrio de tóda a Igreja, que em Roma, a cidade das sete colinas, encontra seu Chefe e seu Centro.

O Têrço na História do Brasil

Merecem guardar-se as palavras de Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo de Rio de Janeiro, proferidas em momentos críticos de nossa história brasileira. Foram elas corajosamente divulgadas quando ainda pairava sôbre a Pátria a ameaça do comunismo ateu, sob o amparo de um governo desleal à Nação.

ESCLARECIMENTO E CONCLAMAÇÃO

Dirijo-me neste momento para expor um ponto de vista quicá não bastante esclarecido. Quisera mesmo que estas minhas palavras, mais do que simples explanação histórico-religiosa, servissem de conclamação ao povo da Guanabara.

Quando em defesa da nossa democracia o povo de Belo Horizonte levantou seus justos protestos, aqui no Rio várias pessoas pediram minha opinião, sôbre o fato, de os católicos terem lançado mão de seus rosários públicamente.

Declarei que no Brasil o patriotismo, sempre esteve bafejado de religião.

Naturalmente em instantes de angústias e preocupações, ainda mais se coletivas, o Rosário, como objeto que impulsiona a fé, que conduz à prece, não era de admirar surgisse espontaneamente.

Ainda mais. Belo Horizonte não foi como a Guanabara, despertada pelo Pe. Peyton para a confiança do Rosário?

Nada, pois, a censurar.

O que mais tarde estranhei, isto sim, foi que em praça pública, houvesse quem escarnecesse da fé do nosso povo, criticando os rosários belorizontinos.

Conforme a Constituição, cada brasileiro tem de respeitar a religião de outrem. Quando, em carnaval, alguém achincalha um credo religioso a polícia leva para a cadeia os fantasiados desrespeitosos. Desta vez os zombadores gozavam de imunidades.

O PAPA E O ROSÁRIO

Talvez não ficasse mal aos que admiram por bons motivos o Papa João XXIII, citando-o a torto e a direito, saberem que em seu curto pontificado de menos de cinco anos, o Santo Padre publicou sôbre a devoção do Rosário a encíclica "Grata Recordatio", além de quatro cartas apostólicas e mais duas séries de reflexões para meditação dos quinze mistérios do Santo Rosário.

Está, pois, esta devoção bem atualizada na Igreja Universal e por sorte nossa vem ganhando terreno no Brasil inteiro, numa hora de tantas apreensões.

NOSSOS INTERCESSORES

Que há, pois, a reprovar na atitude dos que em tais circunstâncias recorreram à Proteção da Virgem Maria e Nossa Senhora Aparecida, a Rainha do Brasil?

Ai de nós se nos faltasse a crença, a fé, a esperança no auxílio divino, obtido por nossa Mãe Celeste, pelo Venerável Anchieta, pelos Quarenta Martires do Brasil e outros tantos protetores de nossa Pátria!

PATRIOTISMO E RELIGIÃO

Não percebeu, meu caro leitor, como na "Marcha da Família" realizada na Paulicéia e outras cidades do mesmo Estado, que o acento de fé religiosa impregnara todos os discursos e manifestações patrióticas?

Era simplesmente a continuidade de um fator histórico constante na vida do País, sobretudo em momentos de gravidade e perigo nacional.

Se os paulistas preferiram realizar a MARCHA DA FAMÍLIA, COM DEUS, PELA LIBERDADE, bem sabiam as razões dessa escolha, sem dúvida mais feliz do que a marcha dos cristãos para o patíbulo.

Nem se diga que este movimento que vai ganhando tantas cidades brasileiras, com enorme sucesso, esteja a serviço da política partidária.

Esta sim não convém à Igreja.

Porém a Marcha é plenamente de caráter cívico-religioso, completamente apartidária.

Se algum partido político se nega sistematicamente a compartilhar desse movimento particular em defesa da liberdade, então já não cabe aos católicos a culpa de tal ausência ou abstenção, mas sim aos respectivos grupos políticos, que dessa forma confessam implicitamente suas tendências ao totalitarismo.

Não me parece que os católicos estejam se prestando assim a uma exploração política sob a aparência de religião, mas de verdadeira confiança na proteção divina, através da intercessão de Maria Santíssima, a fim de afastar de nossas cabeças as grandes nuvens que se acastelam e rondam nos horizontes da Pátria.

Não é de hoje este modo de proceder entre os brasileiros.

EXEMPLO DE CAXIAS

Escute, meu caro leitor, este trecho do Duque de Caxias, à véspera da batalha de Tuiuti, nos acampamentos em que tremulava a bandeira auriverde:

Ao toque de recolher, às 8 hs. da noite, todos os corpos formaram. Depois da chamada, os sargentos puxaram as companhias para a frente da bandeira e rezaram o têrço. Algumas praças, os melhores cantores, entoaram a velha oração do soldado brasileiro:

"Oh! Virgem da Conceição, Maria Imaculada, Voz... Advogada dos pecadores... Voz... do Céu, Princesa do Espírito Santo, Espôsa, Mãe da Graça, Mãe de Misericórdia, livrai-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amém."

As músicas de 40 batalhões acompanhavam impressivas aquela grande prece ao luar, rezada tão longe dos lares queridos.

Tocaram depois: "corpos, ajoelhar!"

Todos aqueles homens simples, rudes e crentes que se iam bater como leões no dia seguinte, caíram de joelhos com as mãos masculosas, apertando os largos peitos valorosos, e entoaram cheios de contrição e de fé o "Senhor Deus Misericórdia!"

E finalizou o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro:

Eis a fé unida ao patriotismo. Eis o têrço valorizando a coragem! Brasileiros, quereis melhor exemplo?



Problemas familiares



A FAMÍLIA, HOJE

Nossa primeira observação se refere à sensibilidade que hoje se constata para os problemas relativos à família.

É uma sensibilidade a d u l t a em relação a que havia em outros tempos.

Prova-o o fato de que em toda parte se fala em família.

Estuda-se a história da família. Criou-se uma filosofia a respeito da família. Analizaram-se os fenômenos demográficos da família. Lançaram-se teorias sobre a natureza e a fecundidade da família. Desenvolveram-se discussões jurídicas. Foram emanadas novas legislações. Formou-se uma vastíssima literatura em torno à família. Fundaram-se em seu benefício novas instituições.

Igualmente no campo religioso manifestam-se sintomas claríssimos de interesse pela família: a assistência caritativa e social começa a ocupar-se da família como tal, e não apenas dos membros individuais que a compõem. Hoje se estuda como nunca o sacramento do matrimônio. Delineia-se uma atenção pastoral própria para a família. A espiritualidade familiar tem seus teólogos e seus mestres espirituais.

TRANSFORMA-SE A TRADIÇÃO FAMILIAR

Este aumento de sensibilidade deve-se ao fato de que a tradição familiar se encontra em plena transformação.

É um fato evidente que todos comentam. Basta recordar a diminuição da autoridade paterna que cimentava a antiga estrutura familiar, a progressiva promoção da mulher, a transformação da riqueza e a conseqüente mudança da função econômica da família, o aumento das profissões exercidas fora do âmbito familiar, a acrescida função da sociedade em relação à educação e à assistência, ao turismo e às diversões, a mudança das formas de habitação, a calculada diminuição da prole, as mudanças nas relações internas entre os membros da família, basta isso para dar-se conta de que o núcleo doméstico sofreu e continua a sofrer profundas e inevitáveis modificações.

Surge daí o delicado problema de distinguir o que é essencial na vida familiar, e por isso merecedor de defesa e incremento, e o que, ao invés, pode ser considerado

PARA AS EQUIPES DE CASAIS

A) PARTE BÍBLICA

Parábola do Joio e do Trigo — Mt. XIII, 24-30, 36-42

- Ver Quais as pessoas, coisas e ações que aparecem nesta parábola?
 Julgar Que elas representam em seus simbolismos?
 Agir Que ensinamentos nos dá Jesus nesta parábola?

B) PARTE LITÚRGICA

Preces da missa ao pé do altar

O Salmo 42 — O Confiteor
Os Versículos — O Beijo do Altar

(Ver Pius Parch "Para entender a Missa")

C) PARTE FAMILIAR

Causas de desunião e união do casal

I.º) Analizemos estas causas que tantas vezes arruinam a união dos cônjuges:

- 1 A diminuição ou perda do amor; isso se dá, mediante:
 - pensamentos — palavras — ações
 - como se verifica esta perda de afetividade?
- 2 O fato de terem, separadamente um do outro, a vida:
 - social — religiosa — econômica
 - como acontecem êstes casos de desunião?
- 3 A interferência de terceiros como:
 - filhos — parentes — amigos
 - como podem êles desunir o casal?
- 4 Os vícios e defeitos que afetam a um dos cônjuges, como:
 - irresponsabilidade — implicância — ciúmes
 - irreligiosidade — teimosia — álcool
 - suscetibilidade — egoísmo — jôgo

II.º) Analizemos as causas que influem na união dos cônjuges:

- 1 Ajuda a fortalecer sua união opor-se o casal, com empenho e mútuo esforço, às causas supra de desarmonia conjugal?
- 2 Que outros recursos têm os casais para auxiliá-los em sua perfeita união?

(Para exame íntimo do casal)

- 7 Negativamente. Estou prejudicando a união com minha mulher, e vice-versa?
- 8 Positivamente. Que exigências tenho a satisfazer para com ela, e vice-versa?
- 9 Inconscientemente. Há algo que esteja prejudicando nossa perfeita união? Que pode ser?



facultativo ou caduco, e por isso reformável.

Podemos desde já destacar nesta transformação alguns aspectos

positivos e outros negativos. Vamos apenas indicá-los.

(Cardeal Montini, em 1960)

Consultório Popular

P. 343 — Qual é a maior religião do mundo entre cristãos e não-cristãos? A. C.

R. — Em primeiro lugar, o Catolicismo com 496.512.000. Ao depois, vem os muçulmanos com 420.606.698.

* * *

P. 344 — Quem é D. Salomão Ferraz? A. G.

R. — É um Bispo católico que do protestantismo passou para a Igreja Católica Brasileira e finalmente para a Igreja Católica Apostólica Romana.

* * *

P. 345 — Meus pais deixam minha irmã namorar sem nenhuma vigilância. Dizem que tudo vai da moça saber se governar; que hoje é assim o namôro. Assinante.

R. — Não há nenhuma dúvida que quase tudo depende da formação e contrôle da moça no namôro. O comportamento dos rapazes, em geral, é regulado pela liberdade que a moça der. Bem dizem eles, que se ela não quizer, eles não insistem.

Mas além disso, somos fracos, e um pouco mais ainda as moças. É bom que o pai as ajude, vigilando-as. A vigilância deve ser obra de amor e de prudência, não de desconfianças, para deprimir a filha. A vigilância deve ser moderada. Os noivos têm o direito de poder conversar livremente para se conhecerem melhor.

* * *

P. 346 — Que presente posso oferecer a um padre? Devo-lhe favores espirituais. Assinante.

R. — Reze, faça sacrifícios e sobretudo não ocupe inutilmente o tempo que ele deve dedicar a outros.

* * *

P. 347 — Que livro me aconselha para confessar bem? Assinante.

R. — "Tu e a Confissão". Pedir para "O Mariano", Caixa 1578. São Paulo.

* * *

P. 348 — Posso ler os livros: "São Cipriano" "Milagrosa Cruz de Caravaca" e "A nossa vida sexual"? M. A. A.

R. — Os dois primeiros são publicações espíritas. Em lugar de ler "A nossa Vida Sexual", de Fritz Kahn, desaconselhável pelos erros que contém contra a natureza e a moral, leia: "A Vida Sexual dos Casados e Solteiro" do Pe. João Mohana.

P. 349 — Depois de 5 filhos, minha mulher não quer mais viver conjugalmente. Que fazer para ter paz no lar? Assinante.

R. — Procurar convencê-la do contrário e de seus direitos de casado. Se não conseguir... o único meio é suportar a cruz. Experimente usar os métodos de continência periódica aprovados pela Igreja.

* * *

P. 350 — Desejava ser freira. Tendo mudado de cidade, arranjei namorado. Agora estou em dúvida, não sei o que fazer. A. B.

R. — Tudo depende de você. Quem deve decidir é você mesma. Mas, se você gosta mesmo do rapaz, é sinal que você tem vocação para o matrimônio. Experimente ficar tempo sem falar com o namorado e ver se consegue passar sem ele. Se conseguir, quer dizer que o namôro foi um simples passa-tempo. Do contrário, quer dizer que para você o melhor é namorar mesmo. Não deixe de rezar e consultar um sacerdote que possa ter maiores pormenores para resolver com maior exatidão.

Quanto a dar o endereço de sua irmã para o namorado dela, não veja nenhum inconveniente, se for um rapaz correto e se sua irmã consentir.

* * *

P. 351 — Quando soube que para o perdão dos pecados se requeria arrependimento sincero, fiz uma confissão de toda vida. Parece-me que em confissões posteriores não tive o arrependimento devido. Em que consiste o arrependimento? M. B.

R. — O arrependimento não consiste em algo sensível, mas simplesmente em saber que ofendeu a Deus, ter pena do ato feito e junto deve vir a propósito de nunca mais cometê-lo. Não é necessário nem chorar nem sentir dores sensíveis. Pela sua carta, reconheço que teve o devido arrependimento.

* * *

P. 352 — Quando se reza o têrço pensando em outras coisas, o valor é o mesmo? E. C.

R. — Não. Nossa atenção aumenta o valor de qualquer oração. Se apesar de nosso esforço a distração for involuntária, tem o mesmo valor.

Endereçar as cartas para:

PE. LAZARO DE PAULI, C. M. F.
Caixa Postal 153
CURITIBA — PARANA

JÁ ESCRÉVIA RUI BARBOSA

"O comunismo não é fraternidade: é a invasão do ódio, entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho: bane a Deus

das almas e das reivindicações populares. Não dá trégua à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador".

PROVÉRBIO EGÍPCIO

São as três coisas piores do mundo:

— estar deitado e não poder dormir.

— esperar por alguém que não vem.

— querer agradar e não o conseguir.



SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET CONTA-NOS EPISÓDIOS DE SUA JUVENTUDE

(Autobiografia — Cap. IX)

E m b u s c a d e r e p o u s o . Naquele último verão Nossa Senhora livrou-me de perecer afogado no mar.

Com tanto trabalho, a temporada quente do ano prejudicava-me bastante. Perdia todo o apetite. Encontrava certo alívio indo à praia, molhar os pés e sorver ali algumas gotas de água.

Com êste intento fui duma feita ao local chamado "Barceloneta".

E n v o l t o n a o n d a . Distraia-me junto ao mar, quando de repente me carregou uma grande onda e depois outra, ficando eu bem dentro do mar.

Não sabia nadar e admirava-me ficar à mercê da água. Invoquei a SS. Virgem Maria e sem saber como, me achei, de novo, em chão firme, sem ter engolido uma gota de água sequer.

Enquanto flutuava sôbre as ondas sentia-me tranquilo e sereno: porém, ao me encontrar na praia é que avaliei horrorizado todo o perigo de que escapara, graças a Nossa Senhora.

N ô v o p e r i g o . De outro perigo, pior ainda, me livrou também a SS. Virgem. Um perigo como o do casto José, no Egito.

Em Barcelona visitava vez por outra a um meu conterrâneo. A sós nos entretínhamos em seu quarto, lá onde residia. Várias pessoas me viam entrar e sair.

Era eu moço e com o ganho de meu trabalho gostava de me vestir, sem luxo, é verdade, mas com bastante elegância, demasiada, talvez. Oxalá disso não me peça contas o Senhor no dia do juízo!

Uma tarde fui ter à residência de meu amigo e perguntei por êle. A dona da casa, uma jovem senhora, disse-me que esperasse, pois não devia demorar.

Resolvi esperar.

Notei entretanto que naquela mulher sua perversa paixão, manifestada por palavra e ação.

Depressa invoquei a proteção de Nossa Senhora, e correndo abandonei a casa, sem nunca mais lá voltar.

Porém à ninguém contei o ocorrido para não prejudicá-la em sua honra.

Com êstes golpes Deus queria despertar-me para eu sair dos perigos do mundo. Não bastaram, porém, e foi preciso um golpe mais forte. Êste que vou contar.

AGRADECEM

A SANTO

ANTÔNIO

MARIA CLARET

Maria A. Paixão
Maria A. Oliveira
de Belo Horizonte

Uma devota
João G. Cazaro
de Brotas

Teresinha O. Vidal
de Dois Córregos

Helena M. Gonzaga
de Itajaí

Helene Nogueira
de Palmeiras

M. Mirthes Canhoto
M. Ap. V. Canhoto
Lecínia Vasconcelos
de Andará

Izaura N. Rissatto
de Bariri

Maraelle L. Mantovani
Osório L. Mantovani
de Ibitinga

Dolores G. Ortega
Iolanda B. Possi
de São Carlos

Uma devota
de Araraquara

Diversas Famílias
de S. Ernestina

Maria T. Pavanelli
Vicente da Aguirre
de Jaú

Nilton Baeta
Ivone C. Moura
Uma devota
Ivone L. Rocha
Maria C. Pechton
de Belo Horizonte

Petrina R. Sousa
Ivone Peres de Abreu
de Sete Lagoas

Wanda Cardoso Ribeiro
de Cordisburgo

Ester A. Canuto
de F. dos Santos

Amélia Dias Maciel
Ney Tavares

Natalícia S. Ribeiro
Antônia Lima Neto
de Montes Claros

Zoé M. N. Silva
Hebe Luzia Nanó
Rosalina R. Nanó
Maria L. S. Lima
Dagmar Azevedo Esteves
de São Paulo

FÁBULA

Detesto a superstição

— Que dizes, Sira? Acreditas acaso em Júpiter, em Juno, ou talvez em Minerva, que é a mais respeitável pessoa da família do Olimpo? Parece-te acaso que estas divindades se metem nos nossos negócios?

— Não, minha boa senhora; até aborreço seus nomes e detesto os crimes simbolizados na terra pelas fábulas e histórias de tais deuses. Não falo desses deuses e deusas imaginários, mas sim do único e verdadeiro Deus.

— E como lhe chamas, Sira, em teu sistema?

— Ele só tem o nome de Deus; e esse nome é o único que os homens lhe dão, para dêle poderem falar. Mas tal nome não designa, nem indica sua natureza, sua origem e seus atributos.

Erudição e emoção

— E quais são eles? perguntou a senhora, cheia de curiosidade.

— É clara a sua essência como luz, a mesma em toda a parte, indivisível, admirável, incompreensível; penetra em todos os lugares, e nenhum limite a circunscreve. Ele existia antes de tudo o que existe; e existirá ainda, quando tudo deixar de existir. Poder, virtude, bondade, amor, justiça, infalibilidade, pertencem-lhe por sua natureza, e participam de sua infinidade. Só Ele tem a faculdade de criar, só Ele pode conservar ou destruir o criado.

Fabiola tinha lido muitas vezes que, quando as pitonisas ou sibilas proferiam os seus oráculos, o rosto e os olhos se lhes inflamavam sob a inspiração do alto. O rosto da escrava estava radiante. Brilhava-lhe nos olhos extraordinário fulgor; as feições haviam tomado arrebatadora expressão, estava imóvel, seus lábios entreabriam-se sem esforço, deixando escapar as palavras que pareciam sair dum melodioso instrumento, animado por sopro mais poderoso que o seu. A expressão da sua fisionomia recordou a Fabiola o olhar distraído e misterioso que tantas vezes notara em Inês. E, se na jovem era mais terno e gracioso, em Sira era mais majestoso, ardente e sobrenatural!

— Como são impressionáveis e entusiastas estas naturezas do Oriente disse consigo mesma Fabiola, contemplando a escrava. Já não me admiro de que digam ser o Oriente a terra da poesia e

da imaginação. Quando observou que o espírito de Sira descia das altas regiões a que se levantara, disse-lhe num tom de voz por extremo meigo:

E se ocupa de nós?

— Mas, Sira, podes tu imaginar que um Ente, tal como o que acabas de descrever, que excede muito todas as concepções da antiga mitologia, se ocupe em vigiar constantemente as ações, e até os íntimos pensamentos de milhões de criaturas?

— Isso não é para Ele um trabalho, querida senhora, é apenas efeito da luz infinita que o circunda. Será um trabalho para o sol fazer refletir seus raios no cristal desta fonte, ou penetrar com sua luz até às pequeninas pedras que alastram o leito desta corrente? Vêde como brilha esta água. A luz não alumina só as cristalinas gotas que se distilam, nem as pérolas que deslizam da rocha e vão engastar-se na superfície da água que se acha no tanque, ou os peixes dourados que se cruzam em todas as direções; brilha também no escuro limo que cobre a pedra, e segue, sem intermissão, tudo quanto procura ocultar-se à sua claridade.

Fabiola frente à verdade

— As tuas teorias são sempre belas. Sira, e a serem verdadeiras, são maravilhosas, retorquiu Fabiola depois de uma pausa, durante a qual seus olhos estiveram fitos contemplando a fonte, como compenetrando-se da verdade do que dizia Sira. Com efeito, elas têm a irrecusável aparência da verdade, acrescentou Fabiola, e seria possível que o erro fosse mais belo do que a verdade? Mas que assustadora idéia! Pensar que nunca estamos sós, que nunca temos uma vontade exclusivamente nossa, que nunca podemos sem segredo planejar o menor desígnio!... Lembrarmo-nos de que não poderemos ocultar a menor loucura, o mais infantil orgulho, ou a mais pequena imperfeição aos olhos daquele Ser perfeito, a cuja vigilância nada pode subtrair-se!

Ao pronunciar estas palavras, Fabiola estava como fora de si.

Todo o orgulho do paganismo se revoltava com sua alma contra a idéia de não poder nunca achar-se a sós com seus íntimos sentimentos e de que existia um poder invisível, que podia contrariar seus

mais secretos desejos, fantasias e caprichos. E, não obstante, uma voz íntima lhe dizia que tudo era verdadeiro. Sua alma generosa lutava contra as ardências de seu gênio, como a águia luta contra a serpente, dominando seu inimigo mais como os olhos, do que com as garras.

Existe um Senhor!

Depois de visível esforço, seu rosto serenou-se. Figurou-se-lhe, pela primeira vez, achar-se na presença dum Ente que lhe era superior, que temia e que se sentia inclinada a amar. Dominou sua inteligência, que se curvou a esta emoção celeste, e seu coração, humilhando-se ante esse Ente invisível que já lhe infundia respeito, reconheceu que tinha um Senhor.

Sira, profundamente comovida, observava em silêncio a luta que se passava no espírito de sua senhora. Conhecia quanto podia contribuir para esta importante conversão o reconhecimento da verdade à própria custa. E por isso, mentalmente pedia a Deus lhe enviasse um raio de luz, que viesse penetrar as trevas em que aquêle espírito se achava imerso.

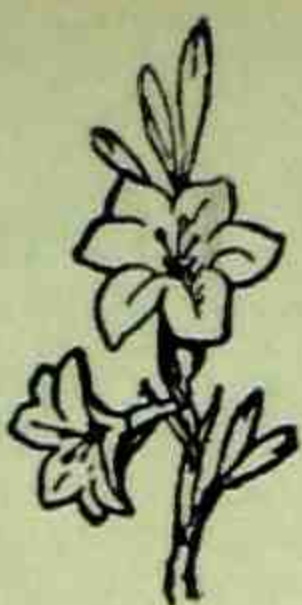
Discípula aproveitada

Fabiola ergueu finalmente a cabeça, curvada pelo peso das idéias e disse meigamente:

— Sira, eu estou convicta de que ainda não cheguei a alcançar os profundos conhecimentos que possuis; certamente, ainda terás mais alguma coisa que ensinar-me (uma lágrima de alegria brilhou nos olhos da pobre escrava), pois hoje abriste para mim as portas de um mundo novo, e fizeste cintilar em meu espírito uma luz que não conhecia. Apontaste-me uma esfera de virtude que fica muito acima da opinião e do juízo dos homens; convenceste-me de que existe em nós um sentimento que aprova ou reprova o que praticamos e um poder sobrenatural que nos recompensa: digo bem? Sira fez um sinal de aprovação. Fabiola continuou:

— Há um poder que se evidencia a nossos olhos para nos animar ou advertir. Ainda que sempre víssemos na solidão, nosso teor de vida não poderia por isso alterar-se, porque é superior a todos os humanos princípios a influência que obra sobre nós e que nunca nos deixa. Tal é, se bem compreendi, as teorias que desenvolveste, a elevada posição moral em que consideras a criatura humana. Descer abaixo deste nível sublime, não viver uma vida cujos atos exteriores sejam conformes com a virtude, é hipocrisia ou fraqueza. Não é assim?

(Continuará)



PATÊ DE FÍGADO

Ingredientes:

1/2 quilo de fígado bem fresco
200 gramas de toicinho defumado
100 gramas de banha
2 xícaras de farinha de trigo
1 xícara de leite
1 colher de manteiga
4 ovos
Sal, noz moscada, pimenta
e salsa bem picadinha

Modo de preparar:

Depois de passar o fígado na máquina, juntamente com o toicinho defumado e a banha, acrescentam-se os outros ingredientes, misturando tudo muito bem. Passa-se a massa obtida numa peneira fina, deitando-a em fôrma untada, que irá ao fogo em banho-maria.

Está pronto quando sair limpo um palito que se introduziu no patê.

Retira-se do fogo, juntando-se uma colher de manteiga e batendo-se bem.

Leva-se à geladeira.

COQUETEL DE CÁLCIO

Ingredientes:

1 copo de suco de laranja ou abacaxi
1 ovo com casca
3 colheres de açúcar
1 copo de leite
casquinha de limão

Modo de preparar:

Bater tudo muito bem no liquidificador.

QUEIJINHOS PARA LANCHE

Ingredientes:

200 gramas de queijo fresco tipo Minas
2 colheres bem cheias de manteiga
3 colheres rasas de maisena
1/2 colherinha de sal
2 copos de leite cru.

Modo de preparar:

Rala-se o queijo, nêle pondo a maisena desfeita no leite, a manteiga e o sal.

Leva-se ao fogo, mexendo sempre com uma colher de pau.

Quando despegar do fundo da panela, está bom. Retira-se do fogo e deita-se numa fôrma.

Conserva-se na geladeira.

BOLO DE ABACAXI

Ingredientes:

1 xícara de farinha de trigo peneirada
1 colher de sopa de fermento royal
1/2 xícara de leite morno
2 colheres de manteiga
1 abacaxi maduro
2 ovos

Modo de preparar:

Unta-se a fôrma com uma colher de manteiga, cobrindo o fundo com duas colheres de açúcar. Leva-se ao fogo brando para derreter a manteiga.

Em seguida, forra-se a fôrma com fatias de abacaxi. Em outra vasilha bate-se o açúcar com as gemas e uma colher de manteiga ou margarina, pondo depois a farinha peneirada com o fermento e o leite.

Batem-se as claras em neve, misturando tudo e deitando-se a massa na fôrma forrada com o abacaxi. Forno regular.

DESCUIDO LOUVAVEL

Contam os entendidos que o papel mata-borrão apareceu em 1875, e por negligência de um operário, da cidade de Berkshire, na Inglaterra.

O tal trabalhador esquecera de pôr a cola necessária à massa destinada a transformação em papel. Feito o produto, ainda por descuido, caiu sobre ele um pouco de tinta, logo absorvida por aquê tipo de papel.

O fato prendeu a atenção do operário negligente, e bem examinadas as coisas, veio ele a descobrir o papel mata-borrão.

Variedades

QUE OPTIMISTA!

— Elza, que vinho pretendes servir amanhã no jantar?

— Por que, Isidoro?

— Vou pescar. E preciso saber que classe de peixe devo trazer.

TRAGÉDIA CURTA

1.º ato. Dois caçadores e um leão

2.º ato. Um caçador e um leão

3.º ato. Um leão

ORIGEM DE UM NOME

Em tempos da Idade Média um célebre salteador dos mares, de nome TARIF, fêz do atual rochedo de GIBRALTAR sua cidadela fortificada e lhe deu o seu nome.

De TARIF ficou apenas a terminação TAR. Gibraltar significa, pois, "rochedo de Tarif".

Tôdas as embarcações que passavam por aquê estreito do Mediterrâneo tinham que pagar uma taxa à cidade do pirata. E foi, daí que veio a expressão tão em uso e conhecida de *t a r i f a*.

Assinantes e Amigos

A Editora "AVE MARIA" Ltda., pertencente à Congregação dos Missionários F. do Im. Coração de Maria, no intuito de atualizar e transformar a Revista "AVE MARIA", dirige-se aos Assinantes e Amigos para, com a colaboração de todos, poder alcançar a meta proposta.

Diretamente ou por meio dos Irmãos Propagandistas poderéis adquirir DEBÊNTURES que a Editora, sob a responsabilidade da Província M. Claretiana, vos oferece. São títulos de Cr\$ 1.000,00 cada um, rendendo juros de 12% ao ano, e no resgate dos mesmos a devolução integral, concorrendo também a um grande sorteio gratuito.

Não é Doação que vos pedimos. É COOPERAÇÃO!

TODOS almejam a transformação da "AVE MARIA" numa revista atual e de apresentação moderna. Há 65 anos ela visita milhares de famílias levando-lhes orientação segura.

Esperamos a COOPERAÇÃO de todos, pois sem essa ajuda torna-se quase impossível sua concretização.

ASSINANTES e AMIGOS, em vossas mãos está a realização desse ideal.

DEUS VOS PAGARÁ CENTUPLICADAMENTE!

CONCORRA A ESTES PRÊMIOS:

- | | | | |
|-----------|---------------------------|-------------|---------------------------------|
| 1.º | uma Kombi Standard | 8.º a 12.º | cinco relógios folheados a ouro |
| 2.º | uma geladeira | 13.º a 17.º | cinco rádios portáteis |
| 3.º a 7.º | cinco máquinas de costura | 18.º a 20.º | três jóias para senhoras |

Basta adquirir uma debênture.

LIVRARIA DA "AVE MARIA"

Rua Jaguaribe, 761 — Caixa Postal 615 — Telefone: 52-1956

São Paulo — Condução: Ônibus Avenida 2 e 3 — Bonde: Av. Angélica n.º 36

PRIMEIRA COMUNHÃO

AVE MARIA 110 Brochura	90,00
AVE MARIA 220 Branco — Lembrança 1.º Comunhão	120,00
AVE MARIA 210 Estampado	120,00
AVE MARIA 410 Plastificado	220,00
MEU GUIA 430 Plastificado luxo corte dourado	500,00
MEU GUIA 626 Celuloide cruz dourada c/ dourado	800,00
MEU GUIA 631 com tercinho	1.100,00
MEU GUIA 642	1.200,00
MEU GUIA 643	1.600,00
MEU GUIA 644 Madrepérola	12.000,00

DEVOCIONÁRIOS

CAMINHO RETO Percalina	400,00
CAMINHO RETO Percalina c/ dourado	600,00
IMITAÇÃO DE CRISTO Percalina	
IMITAÇÃO DE CRISTO Celuloide c/ dourado	1.500,00
IMITAÇÃO DE CRISTO couro c/ dou- rado	1.600,00
MANÁ DO CRISTÃO Percalina	
MANÁ DO CRISTÃO Perc. c/ dourado	
DEVOTO JOSEFINO Percalina	
GLÓRIA E PODER DE SÃO JOSÉ ..	150,00
MANUAL DO ARQUIC. DO C. MARIA ..	100,00
HORA SANTA	30,00

MANUALZINHO DA VISITA DOMI- CILIÁRIA DO COR. DE MARIA ..

25,00

MISSAL DOMINICAL

Percalina c/ vermelho	450,00
Celuloide c/ dourado	1.500,00
Couro c/ dourado	

BÍBLIAS

Simplex	
Luxo — corte dourado — celuloide	5.000,00
Luxo — corte dourado — couro	
Novo Testamento	700,00

DIVERSOS

Mês de Maio	60,00
Mês de Junho	70,00
Chave dos Tesouros do Sagrado Cora- ção de Jesus	130,00
Vida de Santo Antônio Maria Claret ..	350,00
Lírio sobre o Pântano	100,00
Vive teu Ideal	150,00
1.º Catecismo	30,00
Itinerário	400,00
Lenine e Santo Tomás	70,00
Missa Dialogada da Mocidade	8,00
Revelação de Fátima	8,00
Igreja de Roma	25,00
Salve Maria	50,00
A Hora de Deus para crianças	250,00
Bernardo	4,00
Meu Album de Catecismo	120,00

Atendemos pelo serviço de REEMBOLSO POSTAL

Este catálogo pode ser alterado sem aviso prévio

Março de 1964